

Nunca é tarde para recomeçar

Iniciação Cristã para Adultos

PARÓQUIA

NOSSA SENHORA DO

Brasil



Apostila 4

Aula 04 - O Espírito Santo e a Igreja

O Espírito Santo é Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, que com o Pai e o Filho é o um único e mesmo Deus. Se por um lado, o Espírito fica esquecido na mente de muitos cristãos, por outro é a Pessoa da trindade mais intimamente unida a nós, pois está em nossa alma, em graça: *“Acaso não sabeis que sois templos de Deus e que o Espírito Santo habita em vós”* (1 Co 3, 16).

O Filho, Jesus Cristo, e o Espírito Santo desempenham uma missão conjunta. Se dizemos que Jesus é Cristo, significa dizer que é o ‘ungido’ e essa ‘Unção’ é o Espírito Santo. Com Sua Morte e Ressurreição, Cristo é glorificado pelo Pai com o Espírito. Participamos dessa glória ao receber o mesmo Espírito, que nos torna filhos adotivos do Pai (cfr. CIC 689). Para quem se prepara para receber o Sacramento do Crisma, o conhecimento e o relacionamento do Espírito Santo torna-se especialmente importante, pois são seus sete Dons que o crismando receberá no sacramento (na aula 7 se falará em detalhe sobre o Crisma e os dons do Espírito Santo).

Como coloca o CIC 688, o lugar do conhecimento do Espírito Santo é:

- Nas Escrituras, que Ele inspirou;
- na Tradição, de que os Padres da Igreja são testemunhas sempre atuais;
- no Magistério da Igreja, que Ele assiste;
- na liturgia sacramental, através das suas palavras e dos seus símbolos, em que o Espírito Santo nos põe em comunhão com Cristo;
- na oração, em que Ele intercede por nós;
- nos carismas e ministérios, pelos quais a Igreja é edificada;
- nos sinais de vida apostólica e missionária;
- no testemunho dos santos, nos quais Ele manifesta a sua santidade e continua a obra da salvação.

O Espírito Santo é uma realidade espiritual que se apreende com a ajuda de símbolos. Por isso, existem muitos símbolos ligados ao Espírito Santo: a água, o fogo, a nuvem e a luz, o selo, a mão, o dedo, a pomba... (cfr. CIC 694-701). O dia por excelência da manifestação do Espírito é o Pentecostes, em que os Apóstolos, juntos à Nossa Senhora, receberam a efusão de graças que marca o início da Igreja. A missão de Cristo e do Espírito Santo completa-se na Igreja (cfr. CIC 737).

A Igreja é a Família de Deus, a convocação dos homens em Cristo, preparada pela antiga aliança, instituída pelo próprio Cristo e assistida pelo Espírito Santo, é ao mesmo tempo visível e espiritual, sociedade hierárquica e Corpo Místico de Cristo. A

Igreja realiza o mistério da união dos homens com Deus e é o sacramento universal da salvação. Nela vemos um templo visível, mas ornado com bens celestes: portadora da continuidade da mensagem salvífica de Cristo e administradora das graças da redenção.

O entendimento da Igreja como realidade espiritual nos permite ver com clareza a santidade da Igreja, Esposa de Cristo, e sua permanência para sempre. Quando se diz que ‘fora da Igreja não há salvação’, como repetiram muitos Padres da Igreja nos primeiros séculos, entende-se que *“toda salvação vem de Cristo-Cabeça pela Igreja, que é seu Corpo”*. Não se exclui, com essa afirmação, a possibilidade da salvação por aqueles que sem culpa própria ignoram o evangelho de Cristo e a Igreja, mas procuram a Deus com coração sincero e se esforçam para cumprir a vontade de Deus pelo que a consciência os dita. O CIC 847 diz que esses também agem por influxo da graça e, portanto, ao alcançarem a salvação, obtêm-na por meio da Igreja de Cristo, ainda que não tenham conhecido essa Igreja e a próprio Cristo em sua vida.

No Concílio Vaticano II, o documento *Lumen Gentium* disse a *‘Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica’*. O documento *Dominus Iesus*, de Fevereiro de 2000, assinado pelo então Cardeal Ratzinger, explica essa afirmação da seguinte forma: *“Com a expressão « subsistit in » (subsiste em), o Concílio Vaticano II quis harmonizar duas afirmações doutrinárias: por um lado, a de que a Igreja de Cristo, não obstante as divisões dos cristãos, continua a existir plenamente só na Igreja Católica e, por outro, a de que «existem numerosos elementos de santificação e de verdade fora da sua composição», isto é, nas Igrejas e Comunidades eclesiais que ainda não vivem em plena comunhão com a Igreja Católica”*. cfr. *Dominus Iesus* 16.

Esta explicação nos permite fazer o elo entre o aspecto espiritual da Igreja (a Igreja de Cristo) e sua parte visível, instituída por Cristo na pessoa de São Pedro e do colégio apostólico, que hoje conhecemos como a nossa Igreja Católica. Há uma continuidade entre a Igreja primitiva fundada por Cristo e a Igreja Católica de hoje. Mas o elemento humano, pode falhar, pode cometer pecados e ofuscar a santidade da Igreja de Cristo (cfr. *Leitura Complementar sobre ‘Os pecados da Igreja’*). Essas distinções tornam-se importantes para compreender episódios obscuros da história da Igreja, em que o pecado dos homens, como o pecado do povo eleito na antiga aliança, mancham a visão que temos do que deveria ser a manifestação da Igreja de Cristo. Mas esses erros e mal exemplos, não desviaram a Igreja de seu caminho a ponto de já não representar plenamente a Igreja de Cristo, como aconteceu com as demais denominações cristãs. A consciência de que somos filhos dessa Igreja deve ser motivo

para intensificarmos nossa oração pelos seus ministros e para que nós também, em nossa conduta, transmitamos a verdadeira imagem da Igreja de Cristo.

A Igreja como sociedade hierárquica coloca em evidência exatamente a estrutura humana de como se organiza nossa Igreja Católica. O Papa como chefe, sucessor de São Pedro, os Bispos como sucessores dos apóstolos e os presbíteros como seus colaboradores, mostram como a graça da redenção depende do elemento humano em cooperação com o divino, para chegar a todos. Essa cooperação, querido por Deus, assistida pelo Espírito, torna real e eficaz a redenção, constituindo o mistério de Deus confiando ao homem a santificação do próprio homem. Assim, nossa Paróquia pertence a essa estrutura organizativa da Igreja, possui como função primordial administrar os sacramentos e instruir o povo de Deus, sendo, portanto, 'materialização' da Igreja de Cristo para cada um de seus paroquianos. Não se pode esquecer, também, que nós os leigos também somos Igreja, sendo responsáveis por *"impregnar, com as exigências da doutrina e da vida cristã, as realidades sociais, políticas e econômicas"* - CIC 899. Os leigos participam da função sacerdotal, profética e real de Cristo (cfr. 901-913) e junto com a vida consagrada (cfr. CIC 914-933) são elementos essenciais da vida da Igreja.

Um outro modo de entender a Igreja é a Comunhão dos Santos, que significa a comunhão presente na Igreja de coisas e pessoas santas. Fala da comunhão dos bens espirituais: a fé, os sacramentos, principalmente a Eucaristia, bem como a comunhão de todos os cristãos: os que estão na Terra, no purgatório e no Céu.

Principais Tópicos:

- O Espírito Santo e a fundação Igreja
- Principais elementos da história da Igreja
- Elemento visível e espiritual da Igreja
- Hierarquia da Igreja, leigos e vida consagrada
- Comunhão dos Santos

Bibliografia:

- CIC 683-962
- Compêndio do CIC - 136-199
- Fé Explicada - pg. 86 - 157 (inclui, no entanto, uma discussão sobre a graça e os dons do Espírito Santo que serão tratados na Aula 06).

Leitura Complementar da Aula 04

1 - O Espírito Santo - Grande Desconhecido

Trecho da Homilia 'O Grande Desconhecido', do livro 'É Cristo que Passa' de São Josemaría Escrivá.

Ao narrarem os acontecimentos daquele dia de Pentecostes, em que o Espírito Santo desceu em forma de línguas de fogo sobre os discípulos de Nosso Senhor, os Atos dos Apóstolos fazem-nos assistir à grande manifestação do poder de Deus com que a Igreja iniciou a sua caminhada entre as nações. A vitória que Cristo - pela sua obediência, pela sua imolação na Cruz e pela sua Ressurreição - havia obtido sobre a morte e o pecado, revelou-se então em todo o seu divino esplendor.

Os discípulos, que já eram testemunhas da glória do Ressuscitado, experimentam agora a força do Espírito Santo: suas inteligências e corações abrem-se a uma nova luz. Tinham seguido Cristo e acolhido com fé os seus ensinamentos, mas nem sempre haviam conseguido penetrar totalmente o seu sentido: era necessário que chegasse o Espírito de Verdade, para lhes fazer compreender todas as coisas. Sabiam que só em Jesus podiam encontrar palavras de vida eterna, e estavam dispostos a segui-lo e a dar a vida por Ele; mas eram fracos e, quando chegou a hora da prova, fugiram, deixaram-no só. No dia de Pentecostes, tudo isso passou: o Espírito Santo, que é espírito de fortaleza, tornou-os firmes, seguros, audazes. A palavra dos Apóstolos ressoa agora com energia e ímpeto pelas ruas e praças de Jerusalém.

Os homens e mulheres que tinham afluído das mais diversas regiões e povoavam naqueles dias a cidade, escutam assombrados. Partos, medos e elamitas, e os que habitam a Mesopotâmia, a Judéia e a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia e a Panfília, o Egito e a Líbia vizinha de Cirene, e os que vieram de Roma, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, todos ouvimos falar das maravilhas de Deus em nossas próprias línguas. Estes prodígios que se realizam diante dos seus olhos levam-nos a prestar atenção à pregação apostólica. O mesmo Espírito Santo que atuava nos discípulos do Senhor tocou-lhes também o coração e conduziu-os à fé.

Conta-nos São Lucas que, depois de São Pedro ter falado, proclamando a

Ressurreição de Cristo, muitos dos que o rodeavam se aproximaram perguntando: O que devemos fazer, irmãos? O Apóstolo respondeu-lhes: Fazei penitência e seja batizado cada um de vós em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo. E o texto sagrado conclui dizendo que, naquele dia, ingressaram na Igreja cerca de três mil pessoas.

A vinda solene do Espírito Santo no dia de Pentecostes não foi um acontecimento isolado. Não há quase nenhuma página dos Atos dos Apóstolos em que não se fale dEle e da ação com que guia, dirige e anima a vida e as obras da primitiva comunidade cristã: é Ele quem inspira a pregação de São Pedro , quem confirma os discípulos na fé , quem sela com a sua presença a chamada dirigida aos gentios , quem envia Saulo e Barnabé a terras distantes para abrirem novos caminhos à doutrina de Jesus. Numa palavra, sua presença e sua ação dominam tudo.

Esta realidade profunda que o texto da Escritura Santa nos dá a conhecer não é uma recordação do passado, uma idade de ouro da Igreja que tenha ficado para trás, na história. Elevando-se acima das misérias e dos pecados de cada um de nós, é também a realidade da Igreja de hoje e da Igreja de todos os tempos. Eu rogarei ao Pai - anunciou o Senhor aos seus discípulos - e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco eternamente. Jesus manteve as suas promessas: ressuscitou, subiu aos céus e, em união com o Pai Eterno, envia-nos o Espírito Santo para que nos santifique e nos dê a vida.

A força e o poder de Deus iluminam a face da terra. O Espírito Santo continua assistindo a Igreja de Cristo, para que seja - sempre e em tudo - o sinal erguido diante das nações para anunciar à humanidade a benevolência e o amor de Deus. Por maiores que sejam as nossas limitações, nós, os homens, podemos olhar com confiança para os céus e sentir-nos cheios de alegria: Deus nos ama e nos livra dos nossos pecados. A presença e a ação do Espírito Santo na Igreja são o penhor e a antecipação da felicidade eterna, dessa alegria e dessa paz que Deus nos proporciona.

Como aqueles primeiros que se aproximaram de São Pedro no dia de Pentecostes, também nós fomos batizados. E através do Batismo, nosso Pai-Deus tomou posse das nossas vidas, incorporou-nos à vida de Cristo e enviou-nos o Espírito Santo. O Senhor, diz a Escritura Santa, salvou-nos fazendo-nos renascer pelo batismo, renovando-nos

pelo Espírito Santo, que Ele derramou copiosamente sobre nós por Jesus Cristo Salvador nosso, para que, justificados pela graça, cheguemos a ser herdeiros da vida eterna conforme a esperança que temos.

A experiência da nossa fragilidade e dos nossos erros, a desedificação que pode causar o espetáculo doloroso da pequenez ou até da mesquinhez de alguns que se chamam cristãos, o aparente fracasso ou a desorientação de alguns movimentos apostólicos, tudo isso - que é comprovar a realidade do pecado e das limitações humanas - pode, no entanto, constituir uma prova para a nossa fé e fazer com que se insinuem a tentação e a dúvida: onde estão a força e o poder de Deus? É o momento de reagir, de pormos em prática com mais pureza e energia a nossa esperança e, portanto, de procurarmos que seja mais firme a nossa fidelidade.

Gostaria de relatar um episódio da minha vida pessoal, ocorrido há muitos anos. Um dia, um amigo de bom coração, mas que não tinha fé, disse-me, apontando para um mapa-mundi: Veja! De norte a sul e de leste a oeste! Que quer que veja?, perguntei-lhe. Respondeu-me: O fracasso de Cristo. Tantos séculos procurando introduzir a sua doutrina na vida dos homens, e veia os resultados. Num primeiro momento, enchi-me de tristeza: é uma grande dor, com efeito, considerar que são muitos os que ainda não conhecem o Senhor e que, dentre os que o conhecem, são muitos também os que vivem como se não o conhecessem.

Mas essa sensação durou apenas um instante, para dar lugar ao amor e ao agradecimento, porque Jesus quis fazer de cada homem um cooperador livre da sua obra redentora. Não fracassou: a sua doutrina e a sua vida estão fecundando continuamente o mundo. A redenção que Ele levou a cabo é suficiente e superabundante.

Deus não quer escravos, mas filhos, e portanto respeita a nossa liberdade. A salvação prossegue, e nós participamos dela: é vontade de Cristo que - segundo a expressão forte de São Paulo - cumpramos na nossa carne, na nossa vida, aquilo que falta à sua paixão, pro Corpore eius, quod est Ecclesia, em benefício do seu Corpo, que é a Igreja.

Vale a pena jogar a vida, entregar-se por inteiro, para corresponder ao amor e à confiança que Deus deposita em nós. Vale a pena, acima de tudo, decidir-se a tomar a

sério a fé cristã. Quando recitamos o Credo, professamos crer em Deus Pai, Todo-Poderoso; em seu Filho Jesus Cristo, que morreu e foi ressuscitado; no Espírito Santo, Senhor e fonte da vida. Confessamos que a Igreja, una, santa, católica e apostólica, é o Corpo de Cristo, animado pelo Espírito Santo. Alegramo-nos ante a remissão dos pecados e a esperança da ressurreição futura. Mas essas verdades penetram até o fundo do coração, ou ficam talvez nos lábios? A mensagem divina de vitória, de alegria e de paz do Pentecostes deve ser o fundamento inquebrantável do modo de pensar, reagir e viver de todo o cristão.

2 - Os pecados da Igreja

Trecho adaptado do artigo 'The Church ask for Forgiveness', publicado por Alice von Hildebrand em 2000.

Conta-se que Napoleão, o vencedor de tantas batalhas, após ter mantido o Papa Pio VII prisioneiro em Fontainebleau por longo tempo, queria tomar a Igreja Católica sob a sua tutela para assim alcançar a hegemonia total na Europa. Com isso em mente, redigiu uma Concordata que entregou ao Secretário de Estado, o cardeal Consalvi. O imperador disse ao cardeal que voltaria no dia seguinte e que queria o documento assinado.

Depois de ler a Concordata, Consalvi informou Sua Santidade de que assinar o documento equivaleria a vender a Igreja ao Imperador da França e, por conseguinte, implorou-lhe que não o assinasse. Quando Napoleão voltou, o cardeal informou-o de que o documento não havia sido assinado. O imperador começou então a usar um dos seus conhecidos estratagemas: a intimidação. Teve uma explosão de raiva e gritou: “Se este documento não for assinado, eu destruirei a Igreja Católica Romana”. Ao que Consalvi calmamente replicou: “Majestade, se os papas, cardeais, bispos e padres não conseguiram destruir a Igreja em dezenove séculos, como Vossa Alteza espera consegui-lo durante os anos da sua vida?”

Tenho um motivo concreto para relatar esse episódio. Consalvi deixa claro que embora existam inumeráveis pecadores no seu seio, também em posições de governo, a Igreja conseguiu subsistir por ser a Esposa Imaculada de Cristo, santa e protegida pelo Espírito Santo. Como disse certa vez Hilaire Belloc, se a Igreja fosse uma instituição puramente humana, não teria sobrevivido aos muitos prelados idiotas e incompetentes

que já a lideraram. Por que a Igreja sobrevive e continuará a sobreviver? A resposta é simples. Cristo nunca disse que daria líderes perfeitos à Igreja. Nunca disse que todos os membros da Igreja seriam santos. Judas era um dos Apóstolos, e todos aqueles que traem o Magistério da Esposa de Cristo tornam-se Judas. O que Nosso Senhor disse foi: As portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mt 16, 18).

A palavra “Igreja” tem dois sentidos: um sobrenatural e outro sociológico. Para todos os não-católicos e, infelizmente, também para muitos católicos de hoje, a Igreja é uma instituição meramente humana, constituída por pecadores, uma instituição cuja história está carregada de crimes. É preocupante o fato de que o significado sobrenatural da palavra “Igreja” – a saber, a santa e imaculada Esposa de Cristo – seja totalmente desconhecido da esmagadora maioria das pessoas, e até de um alto percentual de católicos cuja formação religiosa foi negligenciada desde o Vaticano II. Por isso, quando o Papa ou algum membro da hierarquia pede perdão pelos pecados dos cristãos no passado, muitas pessoas acabam pensando que a Igreja – a instituição religiosa mais poderosa da terra – está finalmente a admitir as suas culpas e que a sua própria existência foi prejudicial à humanidade.

Na realidade, a Esposa de Cristo é a maior vítima dos pecados dos seus filhos; no entanto, é ela que implora a Deus que perdoe os pecados daqueles que pertencem ao seu corpo. É a Santa Igreja que implora a Deus que cure as feridas que esses filhos pecadores infligiram a outros, muitas vezes em nome da mesma Igreja que traíram.

Somente Deus pode perdoar os pecados; é por isso que a liturgia católica é rica em orações que invocam o perdão de Deus. As vítimas dos pecados podem (e devem) perdoar o mal que sofreram, mas não podem de forma alguma perdoar o mal moral em si, e, caso se recusem a perdoar, movidas pelo rancor e pelo ódio, Deus, que é infinitamente misericordioso, nunca nega o seu perdão àqueles que o procuram de coração contrito.

A Santa Igreja Católica não pode pecar; mas muitas vezes é a mãe dolorosa de filhos díscolos e desobedientes. Ela dá-lhes os meios de salvação, dá-lhes o pão puro da Verdade. Mas não pode forçá-los a viver os seus santos ensinamentos. Isto aplica-se tanto a papas e bispos como aos demais membros da Igreja. Cristo foi traído por um

dos seus Apóstolos e negado por outro. O primeiro enforcou-se; o segundo arrependeu-se e chorou amargamente.

A distinção entre os sentidos sobrenatural e sociológico da Igreja deve ser continuamente enfatizada, pois fatalmente causa confusão quando não é explicitada com clareza.

Assim como os judeus que aderem ao ateísmo traem tragicamente o seu título de honra – serem parte do povo escolhido de Deus –, assim os católicos romanos que pisoteiam o ponto central da moralidade – amar a Deus e, por Ele, o próximo –, traem um princípio sagrado da sua fé.

Por outro lado, em nome da justiça e da verdade, é imperioso mencionar que os católicos verdadeiros (aqueles que vivem a fé e enxergam a Santa Igreja com os olhos da fé) sempre ergueram a voz contra os pecados cometidos pelos membros da Igreja. São Bernardo de Claraval condenou em termos duríssimos as perseguições que os judeus sofreram na Alemanha do século XII (cf. Ratisbonne, Vida de São Bernardo). Os missionários católicos no México e no Peru protestavam constantemente contra a brutalidade dos conquistadores, geralmente movidos pela ganância. A Igreja deve ser julgada com base naqueles que vivem os seus ensinamentos, não naqueles que os traem. Recordo-me das palavras com que um amigo meu, judeu muito ortodoxo, lamentava o fato de muitos judeus se tornarem ateus: “Se somente um judeu permanecer fiel, esse judeu é Israel”. O mesmo pode ser dito com relação à Igreja Católica; apenas as pessoas fiéis ao ensinamento de Cristo podem falar em seu nome. Ela deve ser julgada de acordo com a santidade que alguns dos seus membros alcançam, não de acordo com os pecados e crimes de inúmeros cristãos que julgam os seus ensinamentos difíceis de praticar e que por isso traem a Deus na sua vida cotidiana.

Os pecadores, aliás, estão igualmente distribuídos pelo mundo e não são uma triste prerrogativa da religião católica. Se fosse assim, estaria justificada a afirmação de um dos meus alunos judeus em Hunter, feita diante de uma sala lotada: “Teria sido melhor para o mundo que o cristianismo nunca tivesse existido”. A história julgará se o conflito atual entre judeus e muçulmanos é moralmente justificável.

Este modesto comentário foi motivado pelo que disse um rabino à televisão, um dia após o pronunciamento histórico de João Paulo II na Basílica de São Pedro, a 12 de março de 2000, quando o Santo Padre pediu perdão pelos pecados dos cristãos no passado 1. O rabino não apenas achou o pedido de desculpas de Sua Santidade “incompleto” por não mencionar explicitamente o Holocausto (esquecendo-se de mencionar que os católicos eram e são minoria na Alemanha, país basicamente protestante), como também disse que os pecados cometidos pela Igreja foram freqüentemente endossados pelos seus líderes, dando a entender que o anti-semitismo faria parte da própria natureza da Igreja.

(1) É digno de nota que somente o Papa tenha pedido desculpas pelos pecados cometidos pelos membros da Igreja. Não deveriam fazer o mesmo os hindus, por terem praticamente erradicado o budismo da Índia e forçado os seus membros a fugir para o Tibet, a China e o Japão? Não deveriam os anglicanos pedir desculpas por terem assassinado São Thomas More, São John Fisher e São Edmund Campion, para mencionar apenas três nomes? E quanto ao extermínio de um milhão de armênios pelos turcos em 1914? Ninguém fala a respeito desse “holocausto”; ninguém parece saber dele. E o extermínio de cristãos que acontece agora no Sudão?

Tal afirmação deixa claro que o rabino não fazia a menor idéia daquilo que os católicos entendem por Esposa Imaculada de Cristo – uma realidade que não pode ser percebida ou compreendida por aqueles que usam os óculos do secularismo. Pergunto-me quando o “mundo” considerará que a Igreja já pediu desculpas suficientes. Por séculos a Igreja tem sido o bode expiatório ideal. O que os seus acusadores fariam se ela deixasse de existir?

Aqueles que a acusam de “silêncio” não estão apenas mal informados, mas pressupõem que eles próprios seriam heróicos se estivessem na mesma situação. Como o Papa Pio XII disse a meu marido numa entrevista privada, quando ainda era Secretário de Estado: “Não se obriga ninguém a ser mártir”. Quantas pessoas se julgam heróicas sem nunca terem sido realmente testadas! Quantos judeus arriscariam a vida para salvar católicos perseguidos? Por que esquecem que milhões de católicos também pereceram nos campos de concentração? Se a Gestapo tivesse apanhado o meu marido, considerado o inimigo número um de Hitler em Viena, tê-lo-ia feito em pedaços. Ele lutava contra o nazismo em nome da Igreja e perdeu tudo porque odiava

a iniquidade. Quantas pessoas fariam o mesmo – não na sua imaginação, mas na realidade?

Também não devemos esquecer que inúmeros católicos foram (e são) perseguidos por causa da sua fé. Mas um verdadeiro católico não espera desculpas dos seus perseguidores. Perdoa os seus perseguidores, quer eles lhe peçam desculpas, quer não. Reza por eles, ama-os em nome dAquele que padeceu e morreu pelos pecados de todos. É sempre lamentável ouvir um católico dizer: “Fulano e beltrano devem-me desculpas”. Somente a pessoa que enxerga a Santa Igreja Católica (chamada santa cada vez que o Credo é recitado) com os olhos da fé, só essa pessoa compreende com imensa gratidão que a Igreja é a Santa Esposa de Cristo, sem ruga nem mácula, por causa da santidade do seu ensinamento, porque aponta o caminho para a Vida Eterna e porque dispensa os meios da graça, ou seja, os sacramentos.

O pecado é uma realidade medonha e que os pecados cometidos por aqueles que se dizem servos de Deus são especialmente repulsivos. Nunca serão excessivamente lamentados, mas devemos ter presente que, apesar de muitos membros da Igreja serem – infelizmente – cidadãos da Cidade dos Homens e não da Cidade de Deus, a Igreja permanece santa.